

Ana Luiza Andrade Alcantara

Graduação em Pedagogia – UNISUAM

Ana Paula da Silva

Graduação em Pedagogia - UNISUAM

Bárbara Cristina Paulucci Cordeiro Martorelli

Mestre em Sistemas de Gestão pela Universidade Federal Fluminense – UFF

Pedagoga – Professora do Curso de Pedagogia – UNISUAM

Rose Cristina da Silva Sobral

Mestre em Desenvolvimento Local – UNISUAM

Pedagoga; Professora do Curso de Pedagogia – UNISUAM.

RESUMO

A pedagogia em espaços não-escolares é um tema que precisa ser abordado e reforçado, visto que muitos ainda limitam a ação do pedagogo a instituições de ensino. Pensando nisso, a partir de uma pesquisa qualitativa e com base em teóricos e leis que abrangem o tema, este estudo teve como propósito explorar a pedagogia hospitalar, pois considera-se que esta seja de suma importância para a vida das crianças hospitalizadas, uma vez que é por meio dela que a criança tem contato com os estudos, que geralmente precisaram ser deixados de lado por causa da sua hospitalização. Além disso, também é por meio da pedagogia hospitalar que a criança se sente acolhida, tendo contato com sua antiga rotina, podendo sentir que o momento com o pedagogo é uma espécie de refúgio de sua condição atual. Desse modo, para reforçar esse argumento, em um primeiro momento contextualizamos a pedagogia hospitalar, apresentando todo seu histórico, desde seu surgimento durante a Segunda Guerra Mundial, e as legislações que dão suporte a ela, como é o caso da Lei nº 9394/96 (LDB) e da Constituição de 1988. Ainda, foi visto como são os espaços em que o pedagogo hospitalar atua, como é o caso da classe hospitalar e outros ambientes do hospital, tendo em vista que nem sempre é possível que a criança se locomova até a classe. Pudemos, além disso, ver como ocorre a atuação do pedagogo hospitalar e, mais do que isso, qual a formação necessária que ele necessita ter para trabalhar nessa área. Portanto, aqui ressaltamos que o pedagogo precisa estar em constante aprendizado para poder dar o melhor suporte às crianças hospitalizadas. Conclui-se, então, ressaltando que este trabalho conseguiu cumprir tudo o que foi proposto, alcançando todos os resultados esperados e respondendo com êxito ao questionamento levantado acerca dos benefícios de haver um profissional da pedagogia dentro do ambiente hospitalar.

Palavras-chave: pedagogia hospitalar; pedagogo; classe hospitalar.

INTRODUÇÃO

O termo pedagogia ainda está fortemente relacionado às instituições de ensino, porém, hoje em dia, a atuação do pedagogo se estende para diversas áreas tidas como espaços não escolares. A exemplo podemos citar organizações não-governamentais, empresas, museus, hospitais, setor de turismo etc. Assim, nosso principal objetivo é compreender os benefícios da pedagogia hospitalar para as crianças hospitalizadas, buscando, de maneira mais específica, analisar a importância da atuação do pedagogo hospitalar; reconhecer o papel do pedagogo em ambientes não-escolares; e identificar os benefícios da pedagogia hospitalar.

A pedagogia hospitalar está em grande desenvolvimento, isso porque a participação do pedagogo nesses ambientes se faz cada vez mais importante e necessária, não só para a criança, mas também para sua família. É fato que a experiência de estar em um hospital não é agradável, principalmente para uma criança, o que pode até se tornar algo traumático, portanto, é necessário que ela tenha todo o apoio possível. Uma das formas de conseguir esse apoio é por meio da ação do pedagogo, que vai atuar mediando e estimulando, de forma lúdica ou não, seu educando, contribuindo para que este se desenvolva pedagogicamente. Com relação a isso, Loureiro (2019, p. 7) expõe que:

Um dos objetivos da Classe Hospitalar, na área sociopolítica, é o de defender o direito de toda criança e adolescente a cidadania, e o respeito às pessoas com necessidades educacionais especiais e no direito de cada um em ter oportunidades iguais (LOUREIRO, 2019, p.7).

Portanto, é possível afirmar que a pedagogia hospitalar traz diversos benefícios para os pacientes. Sendo assim, consideramos que esse tema precisa ser cada vez mais explorado, de forma que a importância do trabalho do pedagogo na área hospitalar seja cada vez mais ressaltada.

Logo, este trabalho tem como propósito responder à seguinte questão: Quais os benefícios de ter um profissional da pedagogia dentro do ambiente hospitalar?

Por fim, este estudo está vinculado à linha de pesquisa: Educação em espaços não escolares, tendo como propósito investigar práticas (socio)educativas desenvolvidas por educadores sociais em contextos não escolares com base nos pressupostos teóricos da pedagogia social. Desse modo, o desenvolvimento do trabalho será dividido em três partes. Em um primeiro momento, serão apresentados o contexto da escolarização hospitalar e os seus fundamentos legais; em segundo, serão vistos os espaços educativos e as práticas no ambiente hospitalar; em terceiro, serão abordadas as habilidades necessárias ao pedagogo para atuar na educação hospitalar. Por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Considerando que este estudo tem como foco analisar os benefícios da pedagogia hospitalar, destacando a importância do pedagogo nesse ambiente, faz-se necessário estabelecer a metodologia que será utilizada. Assim, serão utilizados materiais como livros, artigos, revistas, entre outros tipos de texto. Ainda, afirma-se que este trabalho será embasado principalmente em artigos científicos, os quais serão explorados por meio de uma análise crítica, sendo esses provenientes tanto de revistas acadêmicas quanto de bancos de dados de universidades. Foi feita, então, uma seleção por meio de uma pesquisa em sites e bases de dados de modo a encontrar os artigos que mais se enquadravam ao tema, sendo os quatro principais publicados entre os anos de 2019 e 2021.

Dos quatro mencionados, o primeiro artigo selecionado é intitulado “As vozes das professoras na pedagogia hospitalar: descortinando possibilidades e enfrentamentos”, escrito por Souza e Rolim, publicado em 2019. O segundo é “Pedagogia hospitalar e as práticas educativas para crianças com câncer”, de Loureiro, de 2019. O terceiro é “A função do pedagogo no ambiente hospitalar”, das autoras Carneiro e Tavares, de 2020. Por fim, o quarto artigo é “Pedagogia hospitalar, um novo desafio para o profissional da educação”, de Nahime *et al.*, publicado em 2021.

Todos os artigos mencionados foram analisados de modo crítico, levando em consideração a importância dos textos para esta pesquisa, a qualidade, estrutura e principalmente sua relevância com relação ao tema proposto, ou seja, a pedagogia hospitalar. Portanto, constata-se que essa é uma pesquisa bibliográfica, a qual “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema” (CERVO, BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 61).

DESENVOLVIMENTO

O CONTEXTO DA ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR E OS SEUS FUNDAMENTOS LEGAIS

A pedagogia hospitalar teve início durante a Segunda Guerra Mundial, que teve como consequência muitas crianças e adolescentes mutilados e feridos, e que tinham de ficar internados em hospitais. Carneiro e Tavares (2020) apresentam que inclusive havia casos de doenças como hanseníase e tuberculose, o que fazia com que esses pacientes ficassem internados por um longo período.

A quantidade de crianças e adolescentes internados teve um rápido e significativo aumento, o que fez com que os hospitais precisassem se adaptar. Uma dessas adaptações foi a classe hospitalar, criada por Henri Sellier. Essa classe possuía como propósito atenuar toda a dor e o sofrimento que haviam sido causados pela guerra, dando a oportunidade de os alunos terem o direito de continuar estudando ainda no hospital. Essa proposta foi

adotada por diversos países, como Alemanha, França e Estados Unidos, que adaptaram seus hospitais para permitir a atuação dos pedagogos (CARNEIRO; TAVARES, 2020).

De acordo com Loureiro (2019), a história da pedagogia hospitalar teve início nos arredores de Paris, no ano de 1935. O então prefeito, buscando amenizar as consequências negativas resultantes da guerra, resolveu dar uma oportunidade para que as crianças e adolescentes internados conseguissem continuar estudando.

Em 1939, em Suresnes, na França, surgiu o CNEFEI (Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada), que tinha o objetivo de defender o direito das crianças de terem um pedagogo hospitalar durante toda a sua internação. Além disso, realizava a capacitação desses profissionais para que pudessem trabalhar na área hospitalar, em um curso que possuía a duração de dois anos. Também foi definido que, para atuar no ambiente hospitalar, seria preciso que o pedagogo tivesse uma formação diferente da pedagogia “tradicional”. Sendo assim, no mesmo ano a França, em parceria com o Ministério da Educação Francês, criou o cargo de professor hospitalar (CARNEIRO; TAVARES, 2020).

Estudos demonstram que a pedagogia hospitalar no Brasil surgiu no Paraná, contudo, como não há comprovação suficiente, considera-se que o registro mais antigo do atendimento educacional a crianças hospitalizadas é de 24 de agosto de 1950, no Rio de Janeiro, quando foi criada uma classe hospitalar no Hospital Municipal Jesus, que é referência inclusive atualmente. Uma pioneira dessa pedagogia é Lecy Rittmeyer, pedagoga que estudava Serviço Social e cuidou de 80 leitos infantis, com crianças em idade escolar (CARNEIRO; TAVARES, 2020).

Carneiro e Tavares (2020) abordam que em 1970, a assistente social Silvana Mariniello, em Ribeirão Preto, no Hospital das Clínicas, começou a realizar um tratamento hospitalar que contava com vários projetos que tinham como propósito regularizar a classe hospitalar. Contudo, a forma que usamos atualmente só foi definida em 1997. Ainda segundo as autoras, neste mesmo ano o Serviço Social de Assistência a Pacientes Internados e o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina realizaram um pedido oficial à Secretaria de Educação, solicitando o desenvolvimento de um projeto nos moldes atuais, que tinha a função de favorecer os pedagogos de classes hospitalares atuantes no Brasil.

Ainda sobre a história da pedagogia hospitalar no Brasil, ressalta-se as dificuldades sofridas pelos profissionais até que fossem conquistando seu espaço:

As dificuldades que os pioneiros em Pedagogia Hospitalar sofriam no Brasil eram semelhantes a outros países, muitas vezes eram malvistas por funcionários do hospital, a classe não era valorizada, e tinham de fazer trabalho voluntário. Porém aos poucos a classe ia ganhando seu espaço dentro dos hospitais. E em 15 de outubro de 1987 foi inaugurada a escola Schwester Heine, instalada na ala pediátrica do Hospital do Câncer A.C. Camargo, situado no Bairro da Liberdade em São Paulo, através

de um convênio com a prefeitura. O nome da escola foi uma homenagem a uma enfermeira alemã. Que na década de 40 conscientizava seus pacientes sobre a importância da educação (CARNEIRO; TAVARES, 2020, p. 04).

A pedagogia hospitalar é reforçada pela Constituição, em seu artigo 205, que define que a Educação é um direito de todos, além de ser dever do Estado (BRASIL, 1988). Então, entende-se que a criança e o adolescente hospitalizados têm o direito de ter acesso à educação em classe hospitalar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, definiu regras para o ensino, inclusive em áreas hospitalares. Em seu Art. 4º-A fica explícito: “É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado” (BRASIL, 1996). Temos ainda o Artigo 58 da LDB, 2º Parágrafo: “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”. (BRASIL, 1996).

De acordo com o Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente, na Resolução nº. 41, de 13 de outubro de 1995, no item 9, esses pacientes têm o “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995). Já em 2002, a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação desenvolveu um documento com o título “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações”. Este tinha como objetivo orientar os profissionais para que soubessem como administrar o ensino no ambiente hospitalar e o que fazer após o aluno receber alta. Em São Paulo, há a Lei municipal nº. 15886, de 4 de novembro de 2013, que garante às crianças e aos adolescentes internados o direito de continuarem seus estudos (CARNEIRO; TAVARES, 2020).

O documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar tem como objetivo promover o direito que crianças e adolescentes internados possuem de ter o acompanhamento de pedagogo hospitalar. Assim, é dever das Secretarias Municipais e Federais fornecer pedagogos hospitalares para os hospitais que necessitam (CARNEIRO; TAVARES, 2020).

A partir desse contexto, percebemos a necessidade de estudarmos os espaços educativos e suas práticas nos ambientes hospitalares, como veremos a seguir.

OS ESPAÇOS EDUCATIVOS E AS PRÁTICAS NO AMBIENTE HOSPITALAR

A criança em ambiente hospitalar se encontra em uma situação difícil, em que está fora de sua zona de conforto, longe da sua família e amigos, dos ambientes com os quais está acostumada e, é claro, estando com sua saúde debilitada, tendo que passar por tratamentos, medicamentos e diversas situações incômodas. Nessa condição, uma das coisas que a criança mais sente falta é a escola, já que esta faz parte de sua rotina, é onde ela aprende e convive com os amigos e outras pessoas. Portanto, os espaços educativos dentro do ambiente hospitalar se tornam fundamentais para que a criança possa se sentir acolhida e em contato com algo que é importante para ela, como é o caso da escola.

Como expõem Nahime *et al.* (2021), nesses espaços educativos as crianças acabam por se envolver com atividades que as deixam fora do mundo exterior, ou seja, de todas as situações pelas quais elas passam dentro do ambiente hospitalar. Principalmente, isso as distrai um pouco da ansiedade causada pela alta médica. Os autores ressaltam que “neste momento, elas se sentem valorizadas quando entram em contato com educadores e convívios sociais, estimulando a autoestima e o bem-estar” (NAHIME *et al.*, 2021, p. 45406).

Carneiro e Tavares (2020) ressaltam que os espaços educativos são muito importantes para as crianças em ambiente hospitalar porque contribuem para a formação do seu “eu”, permitindo com que todo o seu momento de dor e de sofrimento possa ser transformado em momentos de felicidade. Nesses instantes elas se sentem à vontade, o que contribui para o aumento de sua autoestima. Assim, nessas situações, as crianças deixam de lado toda a situação difícil pela qual estão passando e voltam a ser apenas crianças.

A classe hospitalar, então, deve ser pensada para receber essas crianças e as inserir no ambiente educacional em um espaço não escolar. Contudo, como diz Loureiro (2019), não deve levar em consideração somente as crianças, mas também suas famílias, de forma a contribuir na recuperação da socialização dos infantes e permitindo que haja um processo de inclusão enquanto há a continuidade da sua aprendizagem. Sendo, então, um processo educativo e reeducativo.

Com relação à classe hospitalar, considera-se importante apresentar a visão de Ruivo sobre o assunto:

A classe Hospitalar é uma necessidade para o hospital, para as crianças, para a família e para a equipe de profissionais ligados a educação e a saúde. Sua criação é social e deve ser vista com seriedade, oportunizando um fazer pedagógico de exercer a docência num espaço desafiante e inovador, contribuindo para autoestima e recuperação do aluno hospitalizado (RUIVO, 2018, p. 07).

Portanto, a classe hospitalar tem inúmeras vantagens para a criança e para todos os outros envolvidos em seu tempo dentro do ambiente de internação, incluindo sua família e os profissionais. Com relação a isso, Nahime *et al.* (2021) destacam que a participação da equipe e da família e as atividades desenvolvidas permitem que haja uma construção social que faz uma relação entre os campos do saber, da educação e da saúde.

Os ambientes educacionais dentro dos hospitais devem, então, ser projetados tendo como propósito favorecer tanto a construção do conhecimento das crianças quanto o seu desenvolvimento. Para isso, é preciso respeitar suas capacidades e suas necessidades educacionais especiais individuais (RUIVO, 2018). Com relação a esse ambiente, a autora expõe que é preciso:

Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas (RUIVO, 2018, p. 10).

Ainda, é um fato que nem toda criança hospitalizada está em condições de ir até a classe hospitalar, porém isso não deve servir de empecilho para que ela tenha acesso à educação. Sendo assim, a autora continua pontuando:

Além de um espaço próprio para a classe hospitalar, o atendimento pedagógico poderá desenvolver-se na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, uma vez que condições impostas ao educando por sua condição clínica ou de tratamento assim permitam. O atendimento pedagógico poderá também ser solicitado pelo ambulatório do hospital onde poderá ser organizada uma sala específica da classe hospitalar ou utilizar-se os espaços para atendimento educacional (RUIVO, 2018, p. 10).

Ruivo (2018) ainda ressalta os recursos que são de grande ajuda nas classes hospitalares. Então, sempre que possível, recursos audiovisuais devem ser disponibilizados. A exemplo temos computador, televisão, filmadora, telefone etc. Esses recursos têm a capacidade de permitir, dependendo do caso, que os educandos consigam manter contato com pessoas que estão de fora do ambiente hospitalar, como seus professores e colegas de classe.

Algo que fica evidente, mas deve-se mencionar, é que a classe hospitalar não é uma classe comum, então não devem ser feitas exigências como em salas de aula em espaços escolares. Os prazos para entregar tarefas e o cumprimento de programas curriculares não devem existir, já que só vão causar mais estresse à criança (RUIVO, 2018). Além disso, não se sabe por quanto tempo ela ficará dentro do hospital, assim, não é adequado passar atividades que precisem ser feitas após o tempo da classe hospitalar.

É possível concluir, portanto, que, além de um espaço e de atividades adequadas, para que ocorra a pedagogia hospitalar é necessário que haja

também um pedagogo qualificado para atuar nessa área. Desse modo, veremos a seguir as habilidades que esse profissional precisa ter.

AS HABILIDADES NECESSÁRIAS AO PEDAGOGO PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO HOSPITALAR

Até então foi abordada a história da pedagogia hospitalar, como é amparada por lei, sua importância, como deve ser a classe hospitalar etc. Porém, ainda não abordamos um dos pontos fundamentais da pedagogia hospitalar, se não o mais fundamental: o pedagogo. Este profissional é quem vai atuar nas classes hospitalares, proporcionando que as crianças hospitalizadas continuem tendo acesso aos estudos e contribuindo para que possam se sentir acolhidas.

A formação do pedagogo hospitalar ocorre, em um primeiro momento, como a dos demais pedagogos, pela graduação no curso de Pedagogia. Paula (2015) aborda que nos cursos de graduação a formação do profissional para atuar em hospitais acaba sendo feita por meio de docentes dentro das universidades. Estes, de maneira isolada, ministram disciplinas, desenvolvem projetos de extensão e pesquisas, participam de bancas e orientam alunos dentro da temática da pedagogia hospitalar.

É óbvio que a formação do pedagogo hospitalar, assim como as demais formações, é importante para seu desenvolvimento profissional. Contudo, o pedagogo dessa área precisa estar sempre buscando se atualizar, se informar e conseguir aplicar os conceitos educacionais dentro do ambiente hospitalar. Com relação a isso, Loureiro apresenta um comentário de extremo valor:

O Pedagogo Hospitalar deve ser capaz de desenvolver e aplicar conceitos educacionais, e estimular as crianças na aquisição de novas competências e habilidades, e ressaltar a importância de se ter um local com recursos próprios dentro do hospital que seja apropriado para desenvolvermos este trabalho onde a criança interaja e construa novos conceitos. Então, o Pedagogo Hospitalar deve ter um olhar delicado e humanizado e estar preparado para as questões da patologia em si, e preparado dentro de um processo educacional que também olhe as necessidades especiais do ser criança hospitalizada (LOUREIRO 2019, p. 8).

É necessário que o pedagogo hospitalar compreenda que ele está em um ambiente em que o olhar delicado e humanizado, como aponta a autora, se torna uma peça fundamental em seu trabalho. Isso porque as crianças em hospitais, diferentes de alunos em sala de aula, estão passando por uma situação delicada, muitas vezes estando indispostas, com dores etc. Então, mais do que desenvolver o lado educacional, é importante que o profissional esteja preparado para compreender as necessidades dessas crianças.

Sob ponto de vista de Pimenta (2001 *apud* Loureiro, 2019, pág. 10), “o pedagogo hospitalar precisa saber trabalhar com a diversidade humana,

além de compreender que terá que lidar com diversas experiências culturais.” Ademais, ele deve ser capaz de identificar as necessidades educacionais especiais das crianças hospitalizadas e de modificar e adaptar o currículo de modo a tornar o processo de ensino-aprendizagem flexível. Assim, ressalta-se que esse profissional precisa desenvolver projetos que integrem a aprendizagem, porém de acordo com a condição dessas crianças, adaptando-os a padrões que não correspondem à educação formal.

Loureiro (2019, p. 10) expõe que:

o Pedagogo Hospitalar no atendimento pedagógico deve ter seus olhos voltados para o todo, objetivando o aperfeiçoamento humano, construindo uma nova consciência onde a sensação, o sentimento, a integração e a razão cultural valorizem (LOUREIRO, 2019, p. 10).

Assim, esse profissional precisa pensar sempre além do ato de ensinar, conscientizando-se de que a educação em hospitais leva em consideração tudo o que envolve o ambiente hospitalar, desde a criança que está internada, até mesmo seus familiares e os profissionais que lá atuam.

Sobre o ensino, é interessante que o pedagogo hospitalar, desde que seja possível, trabalhe segundo a série escolar que a criança se encontra. Desse modo, se for viável, ele pode dar continuidade aos estudos da criança, ensinando os mesmos conteúdos que ela estava aprendendo em sua escola, porém, como frisa Loureiro (2019, p. 12), sempre dando ênfase “a um lado mais humanístico, cognitivo e socioemocional”.

Com relação a levar em consideração esse lado mais humanístico, Nahime *et al.* (2021) sugerem que é bastante válido que um pedagogo hospitalar se capacite e se especialize em alguma área que leve em consideração a ação lúdica-pedagógica. Os autores acreditam que isso pode contribuir para transformar um ambiente sofrido em um de descontração e aprendizagem.

Além de tudo o que foi visto sobre as habilidades necessárias ao pedagogo para atuar na educação hospitalar, destacamos a fala de Nahime *et al.*, que apresentam a necessidade do pedagogo de compreender que ele deve estar preparado para as mais diversas situações e possibilidades:

No cenário hospitalar, o pedagogo deve se preparar para quaisquer tipos de situações envolvendo seu aluno/paciente, como a aversão, por exemplo, de um de seus alunos à aula. É necessário ter paciência e saber lidar com esse tipo de situação. Sendo assim, em um cenário de inúmeras possibilidades, o profissional deve manter-se ciente sempre que algum de seus alunos pode vir a óbito, devido a sua condição, mas tendo a certeza de que pôde amenizar a situação dentro do possível no exercício de sua função para com ele (NAHIME *et al.*, 2021, p. 45410).

Frente a tudo o que foi abordado, concluímos pontuando que são diversas as habilidades que o pedagogo hospitalar precisa ter, contudo,

consideramos que a principal é saber acolher a criança. Esse profissional precisa ser capaz de dar uma atenção não somente educacional, mas também humana, de afeto e apoio, compreendendo que ela se encontra em uma situação difícil e atípica. Portanto, a forma como o pedagogo lida com a criança em situação hospitalar faz toda a diferença, até mesmo em seu processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito compreender a importância da atuação do pedagogo em ambiente hospitalar. Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento histórico acerca da pedagogia hospitalar, em que pudemos constatar como e quando esta surgiu, durante a Segunda Guerra Mundial, visto que nessa época muitas crianças precisavam ser hospitalizadas, necessitando de um apoio educacional durante esse período. Ainda, abordamos as leis que respaldam a pedagogia hospitalar, de modo a reforçar sua importância.

Apresentamos, ainda, os espaços educativos dentro do ambiente hospitalar e sua importância para que o pedagogo possa desenvolver um trabalho de qualidade com as crianças que se encontram hospitalizadas. Por fim, foram exploradas as habilidades e formação que o profissional que deseja trabalhar com pedagogia hospitalar precisa ter. Considerando, assim, que é necessário que o pedagogo entenda que essa pedagogia apresenta singularidades, principalmente por ser necessário haver uma atenção maior à situação em que a criança está buscando sempre ser o mais humanizada possível.

Explorar esses assuntos foi necessário para que pudéssemos responder à pergunta apresentada na introdução deste estudo, sendo esta: Quais os benefícios de ter um profissional da pedagogia dentro do ambiente hospitalar? Assim, foi constatado que são diversos os benefícios de se ter um pedagogo hospitalar, tendo em vista que ele vai dar um suporte muito importante para as crianças hospitalizadas, tendo a função não só de educar, mas de acolher, podendo a classe hospitalar ser até mesmo uma espécie de refúgio para elas. Portanto, afirmamos que o questionamento foi respondido com êxito.

Ao longo da pesquisa, também procuramos alcançar os objetivos propostos no início, sendo o objetivo geral: compreender os benefícios da pedagogia hospitalar para as crianças hospitalizadas. Este, de acordo com o que foi abordado no parágrafo anterior, também foi alcançado com sucesso. Desse modo, conclui-se acreditando que este trabalho pode servir de base para diversos outros estudos acerca da pedagogia hospitalar e para demais interessados no assunto. Ademais, pretendemos explorar esse tema futuramente, dando continuidade ao estudo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002. 35 p.

_____. Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. DOU, Seção 1, de 17/10/1995. **Aprova na íntegra o texto da Sociedade Brasileira de Pediatria, relativo aos direitos da criança e do adolescente hospitalizados.** Brasília, DF, out. 1995.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 ago. 2021.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 22 ago. 2021.

CARNEIRO, Maria Emília Alves; TAVARES, Luciane Madeira Motta. A função do pedagogo no ambiente hospitalar. In: Anais do VI SIMGETI - Simpósio Mineiro de Gestão, Educação, Comunicação e Tecnologia da Informação. **Anais...** Varginha (MG), UNIS - MG, p. 01-20, nov. 2020.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica.** 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

LOUREIRO, Mayara Conceição. **Pedagogia hospitalar e as práticas educativas para crianças com câncer.** Artigo de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia). Faculdades Doctum de Serra. Serra, 2019.

NAHIME, Jaqueline Gonçalves da Silva *et al.* Pedagogia Hospitalar, Um Novo Desafio Para o Profissional da Educação. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 45398-45415, mai. 2021.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Formação de professores para atuação na pedagogia hospitalar: reflexões e perspectivas. In: Mesa redonda Formação Profissional, Políticas Públicas e Práticas Lúdicas e Educacionais: inquietações e possibilidades. Curitiba, 2015. **Anais.** Curitiba: EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação, 2015. p. 12855-12874.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2001.

RUIVO, Gilmaria Fernandes Corrêa. **A prática pedagógica no ambiente hospitalar**. Artigo de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia). Faculdade Capixaba da Serra – Multivix. Serra, 2018.

SÃO PAULO. Lei nº 15.886, de 4 de novembro de 2013. **Estabelece diretrizes para o Programa Pedagógico Hospitalar destinado às Crianças e Adolescentes Hospitalizados, no âmbito do Município de São Paulo**. Disponível em: <https://www.radarmunicipal.com.br/legislacao/lei-15886>. Acesso em 20 maio 2021.

SOUZA, Zilmene Santana; ROLIM, Carmem Lucia Artioli. As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 403-420, jul./set., 2019.